



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	1

**TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO
SETOR DE TAQUIGRAFIA
SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA
4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 5ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 71ª
(SEPTUAGÉSIMA PRIMEIRA)
SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO
GERAL PARA DEBATER A REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA
DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E
APRENDENDO,
DE 31 DE AGOSTO DE 2010.**

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Está aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Convido o Deputado Chico Leite a secretariar os trabalhos da Mesa.

Dá-se início aos

Comunicados da Mesa.

Leitura da ata da sessão anterior.

Solicito ao Sr. Secretário que proceda à leitura da ata da sessão anterior.

É lida e aprovada a seguinte:

- Ata 70ª Sessão Ordinária.

(Leitura da Ata.)



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	2

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Sobre a mesa, Expediente que será lido pelo Sr. Secretário.

(Leitura do Expediente.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – O Expediente lido vai à publicação.

(Expediente publicado no DCL nº 163 - Suplemento, de 03/09/2010, juntamente com a ata sucinta da 71ª Sessão Ordinária.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Esta Presidência registra e agradece as presenças do nobre Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Juca Ferreira, da ex e futura Deputada Arlete Sampaio, do Deputado Reguffe e do Deputado Chico Leite.

(A sessão transforma-se em comissão geral.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – A presente comissão geral, conforme requerimento nº 2.108, de 2010, de autoria de vários Deputados, destina-se a debater a regularização fundiária da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Quero também, neste momento, fazer uma saudação aos moradores do Cruzeiro que aqui se encontram para discussão de projeto de interesse deles. Claro que vocês podem contar com a nossa participação efetiva nesse debate e na aprovação do projeto de lei. Vamos apenas verificar se esse projeto já chegou e, caso tenha chegado, se está em conformidade com o que foi estabelecido e negociado com os moradores.

Solicito à Segurança da Casa que garanta a entrada no plenário daqueles que irão participar da comissão geral.

DEPUTADO REGUFFE – Sr. Presidente, solicito o uso da palavra.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Concedo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO REGUFFE (PDT. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero também me somar a V.Exa. e dizer que o pessoal do Cruzeiro que está presente pode contar comigo, pode contar com o meu voto. Essa é uma demanda antiga da população do Cruzeiro e, na minha opinião, é justa.

Quero também, Sr. Presidente, registrar que esta Casa deve fazer alguma coisa com relação ao grave estado da Saúde Pública do Distrito Federal. O que está acontecendo na Saúde Pública do Distrito Federal é algo gravíssimo e não pode ser encarado pelas pessoas de bem desta cidade, principalmente por aquelas que têm responsabilidade pública, como se algo normal fosse, porque não é normal uma pessoa ficar sete horas na emergência de um hospital público para ser atendida.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	3

Esta Casa tem a Comissão de Educação e Saúde, que deve atuar no sentido de exigir do Governo providências práticas imediatas para pelo menos atenuar o grave problema que estamos vivendo, Sr. Presidente. Isso é gravíssimo e esta Casa não pode se omitir nesse caso.

Quero, inclusive, saudar aqui a ex-Vice-Governadora Arlete Sampaio, que também é da área de Saúde, e dizer que a saúde pública do Distrito Federal é, hoje, o maior problema que temos, pela omissão de vários governos que não honraram os compromissos com a população do Distrito Federal. Contudo, não é porque isso aconteceu no passado que o atual Governo pode se omitir em dar uma posição, uma solução rápida à população do Distrito Federal que, pelo menos, atenuar esse problema.

DEPUTADO CHICO LEITE – Sr. Presidente, solicito o uso da palavra.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Concedo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO CHICO LEITE (PT. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu quero saudar o Ministro e, muito especialmente, a Deputada Arlete Sampaio. V.Exa. é bem-vinda agora, por algumas horas, para nossa felicidade, mas, por certo, também a partir do ano que vem, por quatro anos, felicitando-nos com esse convívio.

Sr. Presidente, V.Exa. sabe que venho fazendo o debate da ordem urbanística e do direito dos moradores do Cruzeiro já há anos — eu e V.Exa., que foi a algumas audiências. Estou vendo daqui o ex-prefeito comunitário Salim, hoje administrador da cidade. Estou vendo o jornalista Gervásio, homem de luta. Não sei se está presente a Deuseli, que é do movimento e também lidera a comissão. Nós conseguimos fazer um debate profícuo em relação ao Cruzeiro Novo e temos tentado, há algum tempo, fazer um debate sobre o Cruzeiro Velho porque o Cruzeiro é um só.

É preciso que possamos dar um roteiro que contemporize direitos, sem oportunismos, sem fazer disso mero instrumento eleitoreiro que não se pode cumprir depois porque não é positivo. Aliás, estamos sofrendo agora porque isso, no passado, foi obra de instrumento eleitoreiro, de uma lei nitidamente inconstitucional, a respeito da qual deveria bem pagar aquele que a fez, se não tinha boa-fé e queria guardar expectativas. Vender facilidades pode até ser fácil num primeiro momento, mas é péssimo para a sociedade, para a credibilidade das instituições. É fundamental a contemporização do direito, é fundamental a luta. No entanto, é preciso dizer aos senhores moradores da comunidade aqui presente, Presidente Paulo Tadeu, que eu, até hoje, não tenho notícia da chegada do projeto entregue pelo jornalista Gervásio.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	4

Então, quero fazer um protesto. O governo está sem líder, essa é uma realidade! Este Governo que não cuida da Saúde, Deputado Reguffe, também não cuida da comunidade e dos seus anseios! Peço àqueles que são candidatos por coligações ligadas a partidos que apoiam o Governo, por exemplo, que vão à frente e dialoguem com o Governo, porque nós aqui, Deputado Paulo Tadeu, independentemente da coloração, vamos fazer frente a favor da comunidade, como sempre fizemos. Nós, da bancada do Partido dos Trabalhadores, em nome do Líder Deputado Paulo Tadeu, endereçaremos — e aí convidamos o Deputado Reguffe para também subscrever o documento conosco — um ofício em forma de requerimento ao Governo para que esclareça por que o projeto não chegou aqui até hoje. Essa é a providência que tomaremos.

Obrigado, Sr. Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Pois não, Deputado Chico Leite. Seria importante que nós, já no decorrer da comissão geral, tomássemos conhecimento sobre o andamento do projeto, para sabermos se já chegou, e, se chegou, onde se encontra. Não chegou, não é? Então, esse é um problema sério. De qualquer maneira, assim que o projeto chegar, sugiro que constituamos um conjunto de moradores, uma associação de moradores para um diálogo com os Parlamentares, a fim de que possamos fazer uma leitura desse projeto, saber se ele está de acordo com os interesses dos moradores e, a partir daí, encaminhá-lo a este plenário, convidando, é claro, a maioria dos interessados na discussão e na aprovação dessa matéria. Eu peço, inclusive, à Assessoria do Plenário que me informe se chegou ou não o projeto e como podemos fazer esse encaminhamento.

Bem, quero, neste momento, já com a presença do Deputado Chico Leite, dar início à composição da Mesa para esta comissão geral, convidando o Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Sr. Juca Ferreira, para tomar assento à Mesa; a autora da Lei nº 3.977, de 2007, que “dispõe sobre o registro de bens culturais no Patrimônio Imaterial do DF”, Sra. Arlete Sampaio, ex-Deputada e ex-Vice- Governadora do DF. O Deputado Chico Leite sabe que a Arlete é autora da lei que abriu caminho para o pedido de registro de muitos bens imateriais do DF, como o Clube do Choro, a Escola de Samba ARUC, o Festival de Cinema de Brasília, o Boi, do Sr. Teodoro, e o Patrimônio Pedagógico Anísio Teixeira. Arlete, seja bem-vinda a nossa comissão geral.

Convidamos ainda para tomar assento à mesa o Presidente da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, Sr. Rodrigo Koblitz; a professora do Departamento de Pedagogia da UnB, Dra. Lúcia Helena Cavašin Zabotto Pulino; a representante da Associação Antroposófica Moara, Sra. Ânia Kamp; e o Diretor de Estudos e Políticas Sociais do IPEA, Sr. Jorge Abrahão de Castro.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	5

Sejam bem-vindos, e obrigado pela presença.

Quero aqui fazer uma saudação carinhosa a todos os professores, profissionais, pais e, é claro, às crianças que estão aqui. Boa-tarde e sejam bem-vindos!

Dando início aos trabalhos desta comissão geral, farei a leitura do requerimento aprovado por este Plenário que possibilitou a esta Casa Legislativa realizar, na tarde de hoje, esta comissão geral:

“Requerimento nº 2.108, de 2010, de autoria dos Deputados da bancada do Partido dos Trabalhadores e de outros Deputados, que “requer a transformação da sessão plenária em comissão geral para debater a regularização fundiária da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Excelentíssimo Sr. Presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal:

Com fulcro no art. 125, inciso I, do Regimento Interno desta Casa, os Deputados da bancada do Partido dos Trabalhadores, com apoio de outros Deputados desta Casa, requerem a V.Exa. a transformação da sessão plenária de 31 de agosto de 2010 em comissão geral, com a finalidade de debater soluções para a definitiva regularização fundiária da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo foi formalmente constituída em 1982, como resultado de discussões continuadas de um grupo de pais, acadêmicos e profissionais da educação que não estavam satisfeitos com o que era oferecido então pelo sistema educacional convencional. A rigidez e a padronização dos currículos impostos pelo regime autoritário que ainda vigoram no País foram colocadas em cheque pelas pessoas que se mobilizaram pela criação da escola.

Com o entendimento de que a educação é um elemento essencial de transformação da realidade e da formação cidadã, o grupo de pais fundadores buscou, na Vivendo e Aprendendo, uma alternativa para a formação de seus filhos. E a escola continua a ter esse papel de vanguarda. Se, no início da década de 80, tentava escapar do olhar controlador do Estado, hoje tem como foco ser um contraponto à dinâmica competitiva imposta pelo sistema tradicional de ensino, que padroniza comportamentos e estimula o individualismo. A Vivendo propõe a cooperação e o associativismo.

Desde 1982, portanto, há 28 anos, a escola ocupa parte do terreno situado no Setor de Grandes Áreas Norte, Quadra 604, Módulo C. Inicialmente, a Associação de Pais alugou o galpão do Centro de Educação Física da Igreja Messiânica, na época mantenedora do Clube de Vizinhança da Asa Norte. O Centro estava instalado no lote mediante cessão de uso concedida pelo DEFER. A partir de 1986, o Clube passou a



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	6

ser gerido por seus associados e obteve a cessão de uso do terreno, dessa vez da NOVACAP. O contrato com a escola foi mantido.

Em 1990, o terreno passou a integrar o patrimônio do Governo do Distrito Federal, segundo informações cadastrais obtidas junto à TERRACAP. E foi justamente no início da década de 90 que começou a luta pela permanência da escola no local, com a mobilização da comunidade, com a obtenção de decisões judiciais favoráveis e com o apoio de autoridades das esferas federal e local. Em 1994 chegou a ser promulgada aqui na Câmara Legislativa a Lei nº 799, de 1994, que autoriza o Governo a manter a escola na área, mediante 'concessão de uso'.

Em 1996, durante o Governo Cristovam/Arlete, a Administração autorizou a emissão de alvarás de funcionamento para as partes, Escola e Clube, enquanto estudava uma solução definitiva para a demanda. Essa situação se manteve até o fim do governo (1998). Foi um curto período de calmaria para a retomada da luta, que desde então se arrasta.

Já está na hora de regularizar a Vivendo e Aprendendo, escola que os brasileiros têm no coração e já consideram um patrimônio de toda a cidade. Temos que debater essa questão para apontar o caminho da legalização definitiva da instituição.

A Vivendo atende a 100 famílias por ano e conta com o apoio e com a solidariedade de uma enorme família de educadores, pais, mães, alunos e ex-alunos que já passaram por lá. São quase 10 mil pessoas que nunca perderam o vínculo com a escola, nesses 28 anos de existência. A essas pessoas e a toda a cidade, que já abraçou essa causa, devemos uma satisfação.

Por todo o exposto, diante da relevância da matéria ora em pauta, conclamamos o apoio de nossos Pares ao presente requerimento.

Sala das sessões, bancada do Partido dos Trabalhadores e demais Parlamentares."

Então, com a leitura do requerimento, assim que o Cerimonial passar à Mesa a lista de presença das várias autoridades, a ideia é anunciá-las.

Quero, de imediato, saudar a presença do Sr. Ricardo, membro do Diretório Regional do Partido dos Trabalhadores e pai, inclusive, de alunos da Escola Vivendo.

Neste momento, tenho a honra de convidar para fazer uso da palavra o Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Sr. Juca Ferreira.

SR. JUCA FERREIRA – Boa tarde a todas e a todos, às crianças, às alunas e aos alunos da Escola Vivendo e Aprendendo, às professoras, aos professores, aos membros da Associação.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	7

Quero saudar os Parlamentares presentes e parabenizar a Casa e o Deputado Paulo Tadeu por ter acolhido esse tema.

Hoje estou aqui como pai de um aluno da escola. Fiz questão de vir para dar um depoimento sobre a escola e para participar do apelo de que a Casa trate com carinho o tema. A Escola Vivendo e Aprendendo não pode ser tratada como um estorvo da cidade. Pelo contrário, ela é um patrimônio da cidade e cumpre um papel importante em uma área estratégica, que é a Educação. É uma escola que possui um método, uma opção pedagógica diferenciada.

Tenho a certeza de que qualquer pai aqui que for dar depoimento, dará um depoimento parecido com o meu. A escola, apesar de ficar longe da minha casa, eu a escolhi pela qualidade do ensino, pelo tipo de abordagem, da necessidade de formar cidadãos que tenham possibilidade de desenvolver sua singularidade plenamente. Isso, dentro do processo pedagógico, é fundamental para complementar o trabalho do pai e da mãe. O trabalho é feito com muito carinho, com muito impacto.

Fomos surpreendidos com a demanda de um vizinho. Eu, inclusive, fiquei mais surpreso, pois ele colocou no ofício que tem a idéia de ocupar a área que fica ao lado da escola. Parece-me que isso é uma prática na cidade. Eu só tenho oito anos de Brasília e ainda não acostumei com algumas práticas da cidade. Parece-me que é comum ocuparem as áreas verdes das quadras. Ou seja, a argumentação para retirar a escola daquele local não se justifica, e se, por acaso, a opção for a transferência, ela terá que ser feita da melhor maneira possível. A escola não precisará interromper suas atividades pedagógicas. E se o Poder Público – tanto esta Casa, quanto o Poder Executivo – reconhecer a importância do trabalho da Vivendo e Aprendendo, evidentemente, terá que ajudar na realocação da escola em condições que possam manter não só as atividades atuais, mas também ampliá-las.

Morei oito anos na Suécia. Lá, até o rei estuda em escola pública. Todos estudam em escolas públicas. O sistema escolar, dentro de um espírito democrático, permite que as escolas sem fins lucrativos, que têm uma orientação filosófica e pedagógica singular, funcionem. Lá, existem escolas antroposóficas, com várias orientações pedagógicas. Inclusive, o Ministério da Educação desenvolve relações para treinar professores e possibilitar a incorporação dessas pedagogias criativas e singulares na estrutura pública.

Acho que pode ser pensado algo no sistema de cooperação. Naquela região da cidade, há pouca demanda de escolas públicas, pelas características sociais da região. A Vivendo poderia, em uma parceria com a Secretaria de Educação, até cumprir o papel de absorver alguns alunos, evidentemente, com a responsabilidade, por parte da Secretaria, de cobrir os custos dessa incorporação.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	8

Então, acho que estamos diante de um problema que nem deveria existir, que é esse tratamento, eu diria, discriminatório para uma associação sem fins lucrativos, que faz um trabalho tão bonito, tão importante para a cidade, como é a educação, dentro dessas condições de qualidade, que pode servir até de referência para a escola pública, referência de treinamento, possibilidade de incorporação de metodologia no sistema educacional.

Estou com uma reunião já começada, mas fiz questão de vir aqui como pai e como cidadão.

Acho que as instituições de Brasília precisam recuperar a legitimidade. A legitimidade se recupera à medida que vai se enraizando e se relacionando com as demandas e necessidades dos cidadãos, das demandas concretas da cidade. Essa é uma grande oportunidade de prestar um serviço à cidade de Brasília, à qualificação da educação da cidade, a possibilidade de garantir a essas crianças que elas terão o acolhimento que precisam do Poder Público. Há uma avenida, uma possibilidade imensa de parceria entre a experiência dessa escola e a experiência do sistema público considerando a qualidade do ensino e essa perspectiva tão densa que a escola dá.

Então, eu vim aqui só reforçar a demanda dos professores, das crianças. Como pai, eu gostaria de dizer que meu filho brevemente já vai sair da escola, mas eu não poderia deixar de estar presente aqui para prestar esse testemunho da importância dessa escola para a cidade, da qualidade do trabalho que faz, da necessidade de os poderes públicos terem uma relação qualificada com a escola, ou seja, não tratá-la como um estorvo ou um problema, mas, na verdade, incorporar o fato de que, pelos seus anos de trabalho, isso já pode ser considerado um patrimônio da escola. Portanto, ela merece todo carinho e toda atenção.

Que essa Casa e o Poder Executivo busquem a solução da melhor maneira possível para que essas crianças não tenham sua educação interrompida ou prejudicada por causa de falta de cuidado.

Era isso que eu tinha a dizer aqui. Eu gostaria de agradecer e parabenizar o Deputado Paulo Tadeu pela sensibilidade em trazer a questão para esta Casa. Eu já tentei ajudar, mas, às vezes, falta o mínimo que é essa sensibilidade de escutar, chegar perto para ver se, de fato, merece uma atenção. Eu acho que, com 15 ou 20 minutos de sessão, os Parlamentares vão perceber que essa escola merece todo o carinho e atenção da cidade.

Muito obrigado, Deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Muito obrigado, Exmo. Sr. Ministro da Cultura, Juca Ferreira, pelas palavras. Sei que V.Exa. tem agora uma



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	9

reunião na Casa Civil, mas, de qualquer maneira, está registrado o seu posicionamento, que na realidade se soma ao posicionamento de todos nós. Ficamos muito honrados com a presença de V.Exa., bem como também queremos aqui elogiá-lo pelo trabalho à frente do Ministério da Cultura do Presidente Lula.

Parabéns e muito obrigado também pela presença.

SR. JUCA FERREIRA – Muito obrigado. Boa sorte para todos!

(Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Neste momento, tenho a honra de convidar para fazer uso da palavra o Sr. Diretor de Estudos de Políticas Sociais do IPEA, Sr. Jorge Abrahão de Castro.

Obrigado, Jorge, pela presença.

(Palmas.)

SR. JORGE ABRAHÃO DE CASTRO – Primeiro, boa-tarde a todos e todas, à criançada que está aí escutando essas falas. Eu gostaria de agradecer o convite. Fui e continuo sendo um pai da Vivendo, participando da Vivendo. Meus filhos estudaram lá desde 1989, depois tive outro filho que voltou em 1993 e, se eu tivesse um terceiro, teria estudado lá também. Tenho uma plena identificação com a escola, cheguei a ser secretário executivo, minha esposa foi vice-presidente. Então, o que eu vou falar aqui tem um pouco da minha experiência na Vivendo, o comprometimento com a escola e também um pouco dessa coisa singular que é a experiência da Vivendo, que eu gostaria de defender até para defender o fato de que ela é uma experiência que vale a pena ser colocada como um patrimônio cultural e material da cidade, porque não é fácil, no Brasil, a gente ter uma experiência que organize uma série de fatores.

O primeiro é o lado político, que é o associativismo. Um associativismo com a participação política intensa de pais, professores e alunos. Mesmo que os alunos sejam pequenininhos e tudo, mas é uma coisa que foi tentada desde o seu princípio e que dá um trabalho tremendo. Quem viveu a experiência sabe o que significa manter uma escola a partir da ideia do associativismo, da participação e as dificuldades que isso significa desde o seu princípio até hoje. E eu acho que a Vivendo avançou muito porque foi incorporando na sua prática uma série de fatores importantes no sentido de melhorar seu processo de gestão, seu processo administrativo e tudo mais. Então, só por aí já temos um fator significativo de importância para a experiência de outras escolas e para a própria escola pública, que poderia, sim, trabalhar um pouco mais de forma mais associativa, incorporando os pais ao seu processo de gestão, porque, infelizmente, a gente viu isso começar na



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	10

época do Cristovam, quando ele estava aqui, e depois a gente viu isso se perder na escola pública.

A segunda questão é pelo lado econômico, porque a Vivendo pratica uma coisa muito difícil, que é autogestão. Não só a autogestão no sentido administrativo, como também o autofinanciamento, e todo mundo sabe a dificuldade que é você manter hoje uma estrutura que, por um lado, caiba dentro do orçamento das famílias, e, por outro, seja digna em relação ao pagamento dos seus professores, do seu corpo administrativo. Isso é um processo muito complexo de autogestão. A Vivendo, o tempo todo, passou por essa experiência de buscar essa autogestão, de tentar, a partir do autofinanciamento, manter um corpo digno de funcionários, de professores recebendo um salário digno. Eu acho isso de uma importância fundamental.

Outra coisa fundamental da Vivendo também é a sua proposta pedagógica, que é aberta e singular. Eu, que sou pesquisador da área social e trabalhava com a área de Educação, posso dizer que grande parte do que aprendi sobre educação foi nas nossas discussões que tivemos dentro da Vivendo, discutindo uma série de fatores pedagógicos. Foi um processo não só de importância para os meus filhos, mas também de muita importância e relevância para os pais que compuseram a Vivendo.

Por último, pelo aspecto cultural. Eu acho que a Vivendo é também produtora de cultura, não só porque trabalha com a condição ampla dos seres humanos e das crianças que estão lá, mas também trabalha na sua produção, na sua vivência da cidade, sendo um fator muito importante na área cultural.

Então, eu diria o seguinte: eu, como pai, como ex-dirigente, trabalhando intensamente na Vivendo, acho que a Vivendo é uma experiência singular, é uma experiência importante, é uma experiência de que a cidade tem que se apropriar, não só para mantê-la viva, mas também para que ela sirva de exemplo para as esferas públicas, que precisam até se oxigenar e se reposicionar.

Então, Deputado Paulo Tadeu, eu diria que essa experiência deve ser permanente, deve ser valorizada, e – muito importante – quero parabenizar a sua iniciativa e dizer que, da nossa parte, estamos plenamente satisfeitos com que isso seja conduzido e que consigamos tornar permanente a experiência da Vivendo no Distrito Federal.

Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Agradeço as palavras do Sr. Jorge Abrahão.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	11

Neste momento, concedo a palavra a Sra. Lúcia Helena, Professora de Psicologia da Universidade de Brasília, ex-psicóloga, coordenadora da Vivendo e Aprendendo.

SRA. LÚCIA HELENA CAVASIN ZABOTTO PULINO – Boa-tarde. Quero agradecer ao Deputado por essa iniciativa e pelo convite da Vivendo e Aprendendo. Quero cumprimentar as crianças e, por tabela, todos os que são “vivendões” aí, os “vivendinhos” e os “vivendões”.

Quando fui convidada para fazer parte desta Mesa, senti o peso da responsabilidade e a leveza do prazer.

O que falar?

Acostumada a tarefas acadêmicas e amante das literárias, poderia ter pesquisado, elaborado um texto bem estruturado, com clareza, começo, meio e fim.

Mas, afinal, trata-se da Vivendo e Aprendendo. E trata-se de mim... E aqui estou eu, para falar a vocês sobre a Vivendo, com o jeito “vivendo” de falar, sobre sua importância pedagógica, sobre como sua pedagogia original está intimamente relacionada com sua história, a forma compartilhada de autogestão, a maneira primorosa, sensível e intelectualmente de as pessoas — adultos e crianças — que lá convivem educarem-se mutuamente.

Nunca soube se gosto da Vivendo porque ela se parece comigo ou se porque me pareço com ela. Na verdade, nós nos criamos uma à outra, durante o tempo em que trabalhei nessa “escola diferente”, em que minha filha também se tornou uma “vivendinha”.

Patrimônio? O que é? Diz o dicionário: “O que vem do pai e da mãe; conjunto de bens, direitos e obrigações de uma pessoa jurídica; o que é considerado como uma herança comum”.

No último sentido, a Vivendo tem sido uma herança comum, já que todos os que passam por lá são para sempre “vivendões” e “vivendinhos”, como já disseram nesta Mesa. Tornamo-nos diferentes, falamos e pensamos coisas características da forma como nos educamos lá.

A partir da UnB, temos feito estudos e pesquisas que espalham o modo de ser, sentir e pensar na Vivendo. Suas professoras e seus professores fazem cursos na UnB, nossas alunas e alunos da UnB aprendem na Vivendo. Temos trabalhado na UnB no sentido de levar para a escola pública a maneira de educar e conviver da Vivendo. Sim, podemos dizer que a Vivendo faz parte da herança comum do DF.

Mas, o que entendemos pelo modo de ser, conviver, educar, da Vivendo?



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	12

Concebemos a criança como vivendo na infância, no início da vida. Tomamos a infância como condição da experiência humana, a condição do começo, do nascimento. Quando uma criança nasce, ela é um ser que já estava sendo concebido em uma sociedade, em uma cultura, num determinado momento histórico. Ela traz uma identidade previamente construída por uma promessa social, econômica, cultural e histórica — a criança possível de nascer no século XXI, na cultura ocidental, na sociedade e culturas brasileiras, numa determinada classe social. Também tem já sua identidade desenhada por um projeto traçado e cultivado durante nove meses, marcado pelo desejo e pelas condições dos pais, que lhe preparam uma placenta social, afetiva e simbólica e o ambiente material para sua chegada.

Quando a criança, o ser humano, nasce, para além dessas determinações, ela surge como uma novidade radical, um ser original. E essas duas dimensões — a de determinação e a de novidade, aberta a possibilidades — dialogam e convivem a vida toda, numa identidade que se constrói num devir, num tornar-se com o outro, e como autocriação, ser que nasce e renasce na história, e, em sua finitude, cria o infinito.

Esta é a criança que chega à escola: aquela já esperada, no que tem de previsível e determinada em múltiplas dimensões e a criança como novidade, que nos surpreende em sua originalidade.

As escolas, tradicionalmente, têm recebido e educado a criança como um mesmo, a criança já conhecida. Conseguem ver a criança apenas como pré-determinada, como um "ainda não", a que a educação deve completar, educando-a para se adaptar, para se tornar um adulto bem sucedido.

Pois bem: a Vivendo e Aprendendo nasceu e continua a existir para acolher a criança não só como uma de nós, uma filha de um tempo histórico, de um lugar cultural e social, de uma família. A Vivendo e Aprendendo acolhe também, e em especial, a criança em sua novidade, em sua diferença, originalidade, no seu aqui e agora e no seu devir criativo.

Neste sentido, considero a Vivendo e Aprendendo um tempo/lugar de infância, de começo, um nicho de criação, de movimento. E quando digo um tempo/lugar de infância, refiro-me não apenas a um tempo/lugar de crianças, mas a um tempo/lugar de experiência do humano — criança, jovem, adulto, idoso — que vive na condição de infância, de criação, de tornar-se.

A Vivendo e Aprendendo vive o tempo como Aion — o tempo que Heráclito define como o tempo da eternidade, da brincadeira, do jogo, o "tempo da criança criando".



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	13

Entrar em seu quintal e em suas coloridas casas-salas é habitar um mundo que transita entre a experiência da realidade e a experiência da fantasia. Um mundo que, sem descuidar da força do tempo como Chronos — o tempo medido — ou como Kairós — o tempo da oportunidade —, e do lugar "escola", brinca com essas temporalidades do educar, na dimensão de Aion — a rotina, o entra e sai das salas-casas para o quintal, expansão/concentração; o mundo visto do sobe e desce, desde o topo das árvores a debaixo das mesas; a fruição/produção de obras de arte, pintura, escrita, faz de conta. Os heróis são virados do avesso pelos "vivendinhos", que os recriam aos seus gostos, dando um golpe na pretensão de homogeneização da sociedade de consumo! O coletivo, o singular, os combinados, os "não gosteis", a tessitura cotidiana de uma trama com fios do poder de cada um e de todos; a delicadeza das vicissitudes individuais e o respeito à palavra firmada.

Estar com, sentir as dores e ouvir as razões do outro, e ao mesmo tempo experienciar as matizes de singularidades que esperneiam de raiva e explodem de alegria. Todos, e cada um, crianças, mães e pais, funcionários e professores, todos educando e sendo educados.

Reinventar a roda? Sim! Reinventar a roda! Assumir os cuidados e reparos com a escola, no mutirão, fabricar brinquedos e jogos na oficina e chá de brinquedos; contar histórias, lidas e inventadas, e renovar as bibliotecas das salas no chá de livros; fazer festas, almoços, cafés da manhã, festivais, enfim, inventar pretextos para prepararmos e vivermos o encontro de todos.

As assembléias, noites adentro, discussões, acordos e desacordos — a vivência política sustentando a proposta de autogestão da Associação. Diretoria, comissões, conselhos.

Sou Vivendo e Aprendendo. Digo às minhas alunas e alunos de psicologia da UnB que não podem se formar psicólogos antes de conhecer a Vivendo. Na UnB, tento ser uma professora "tipo Vivendo": faço rodas nas aulas de graduação e de pós-graduação, olho cada aluno em sua singularidade, estabelecemos combinados no grupo, falo da Vivendo e Aprendendo.

A Vivendo e Aprendendo me ajuda a viver na condição de infância, de abertura, de busca. A experienciar a vida e meu trabalho assumindo que o saber e o amor são, ambos, o reconhecimento, socrático, de nossa ignorância e incompletude, que nos movem em direção a nós mesmos e ao outro.

Certamente, Brasília vai ser grata por receber esta herança.

Obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Agradeço as palavras da Professora Lúcia Helena C. Z. Pulino.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	14

Quero registrar a presença da Deputada Erika Kokay, autora também deste requerimento.

Convido o Senador Cristovam Buarque para tomar assento à Mesa. Agradeço a presença de V.Exa.

(Pausa.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – O Professor e Senador Cristovam Buarque tem, neste momento, um compromisso, uma atividade com os trabalhadores rodoviários. De qualquer maneira, quero agradecer de coração a presença de V.Exa., que engrandece esta comissão destinada a discutir a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, em especial a questão da regularização fundiária.

Passo, neste momento, a palavra a V.Exa.

SR. CRISTOVAM BUARQUE – Quero falar do microfone de apartes para contar uma história para essas crianças que estão aqui, pode ser?

Antes quero dizer para vocês do meu apoio total à luta. Conheço a escola desde a criação porque ali junto dela, na UnB, acompanhei de perto e vi muitos colegas professores cujos filhos estudaram lá — as minhas já eram um pouco maiores — e quero que vocês me tenham como um aliado completo. (Palmas.)

Vocês gostam de história? (Pausa.) Quero contar uma história para vocês, os pequeninhos e as pequeninhas que estão aqui, que tem tudo a ver com a escola de vocês.

Era uma vez uma escola chamada Borboleta Azul. Esse era o nome. E essa escola se chamava Borboleta Azul porque ao lado da escola tinha um bosque, muitas árvores, e dizia-se, todo mundo pensava que ali tinha uma borboleta azul. Mas ninguém nunca tinha visto a borboleta. Aí um dia, mais ou menos como está acontecendo com vocês, a diretora chamou todo mundo, reuniu os professores, as crianças e disse: “No próximo ano não vai ter mais a Escola Borboleta Azul. Vocês têm de procurar outra escola em outro lugar”. Aí um menino chamado Carlos perguntou por quê. E a professora disse: “É porque aqui perto tem um *shopping center* — vocês gostam de *shopping* — e eles compraram o bosque para fazer um estacionamento. Vão derrubar as árvores, vão derrubar o prédio, isso aqui vai virar um grande estacionamento”. O menino disse: “Não podem fazer isso, porque, se fizerem isso, vai morrer a borboleta, pois a borboleta vive naquele bosque”. A professora disse que essa borboleta não existia, que era uma lenda. – Sabem o que é uma lenda? – O menino disse: “Não, a borboleta existe”. Então, os alunos disseram que eles não iam deixar derrubarem o bosque, derrubarem as árvores e ficaram ali dia e noite até que o dono do futuro estacionamento pagou a um grupo de biólogos



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	15

– sabem o que é biólogo? É quem estuda a vida — para procurarem a borboleta. E procuraram, procuraram, procuraram e não acharam. Aí a professora reuniu todo mundo de novo e disse: “Vocês estão vendo? Não existe a borboleta azul. Vamos procurar uma escola em outro lugar porque a borboleta azul não existe”. Aí o menino chamado Carlos levantou a mão e disse: “A gente não vai deixar”. A diretora disse: “Por que não vai deixar se a borboleta não existe? Você quer salvar a borboleta?” Ele disse: “Não, eu quero salvar a lenda da borboleta, porque se derrubarem as árvores a lenda da borboleta vai acabar”. (Palmas.) Aí eles ficaram na escola, sentados. Os pais vieram buscar, as mães vieram buscar, os avós vieram buscar, e eles não saíram. Até que o homem que tinha comprado aquele terreno para fazer um estacionamento desistiu, e até hoje a escola Borboleta Azul está no mesmo lugar, como eu espero que fique a escola de vocês. Mas para isso é preciso muita luta desse pessoal aqui e de vocês também. Vamos manter a escola Borboleta Azul e a Vivendo e Aprendendo, porque precisamos de mais escolas e não de mais estacionamentos.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Quero agradecer, mais uma vez, ao Professor e Senador Cristovam Buarque pela presença.

Convido a também autora do requerimento que proporcionou esta comissão geral, juntamente com o Deputado Cabo Patrício e o Deputado Chico Leite, Deputada Erika Kokay, Presidente da Comissão de Assuntos Sociais desta Casa, para tomar assento à Mesa.

Convido para fazer uso da palavra a membro da Diretoria da Associação Antroposófica Moara, Sra. Ânia Kamp.

SRA. ÂNIA KAMP – Boa-tarde a todos. Obrigada aos amigos. Eu estou identificando vários amigos na plateia, e é sempre reconfortante, porque nós trememos um pouquinho aqui em cima.

Na verdade, sou de uma escola “parente” da Vivendo e Aprendendo. Estou aqui como representante da escola Waldorf Moara, e nós identificamos vários laços que unem essas duas instituições. Temos famílias que transitam nas duas escolas... Em primeiro lugar, eu não sou professora da escola, sou só “mãe” da escola.

A escola Moara – para quem não conhece vou dar um breve histórico – é mais nova que a Vivendo e Aprendendo. Estamos agora no nosso 11º ano de atividades. Começamos com 25 crianças no ano 2000, hoje temos 206, e atendemos crianças de 2 a 11 anos. O que me faz estar aqui? Por que eu acho importante identificarmos essas semelhanças? Tanto a Vivendo como a Moara são escolas comunitárias, associativas, geridas pelos pais e professores. Isso, por si só, já identifica um grupo de pessoas bastante ousado, com uma boa dose de rebeldia, que não está simplesmente disposto a escolher entre o cardápio que o mercado



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	16

tradicional oferece, mas que insiste em criar para os seus filhos a escola como acha que ela deve ser. Isso dá muito trabalho. Como já foi mencionado, é muita reunião, muita assembleia, muita conversa, muita comissão. Dá muito trabalho. Mas é um trabalho extremamente enriquecedor e totalmente apaixonante. Eu acho que, se nós perguntarmos quem gosta da sua escola, quem é apaixonado pela sua escola, os apaixonados serão um grupo bastante significativo. E é por isso que trocamos os finais de semana e noites tranquilas por tantas reuniões, tantos debates, às vezes tão difíceis, porque também não significa que, pelo fato de estarmos construindo a mesma escola, estamos todos achando que o caminho é o mesmo. Mas, de qualquer forma, são escolas compostas por pessoas que acham que tudo isso, sem dúvida, vale a pena.

São escolas marcadas por uma busca pedagógica que ofereça a seus filhos não apenas o melhor conteúdo, cognitivamente falando, mas principalmente um conteúdo vivencial. São escolas preocupadas em formar cidadãos, pessoas íntegras, inteiras, integradas, e cidadãos responsáveis. Até porque essas escolas funcionam dessa forma. Os “pais” dessas escolas são pessoas que aceitam um caminho de corresponsabilização, essa escola só existe se aceitarmos a tarefa de construí-la.

Nós também compartilhamos os riscos. De vez em quando, encontro amigos da Vivendo, e a gente fica se perguntando quando foi a última visita do fiscal, a ameaça de fechar. A Deputada Erika Kokay esteve conosco lá no ano passado; o Senador Cristovam também; o Ministro Juca Ferreira hoje é pai da escola e também fez o que pôde, mas o que nós identificamos é que, por mais que se encontre até boa-vontade nos nossos interlocutores no cenário político e legislativo, talvez se trate de uma lacuna legislativa, pois não existe ainda uma proposta que acomode e que permita que essas iniciativas floresçam.

O curioso é que, academicamente falando, se formos ao MEC hoje, há gente lá empunhando a bandeira, porque há estudos acadêmicos que comprovam como é importante que haja engajamento da família no processo de aprendizado dos filhos. São inúmeras pesquisas que já mostram que os alunos que melhor se saem na escola, mesmos os da rede pública, são aqueles cujas famílias se envolvem no processo educacional. E isto faz parte do conceito básico do funcionamento dessas escolas: que as famílias estejam profundamente engajadas no processo. Então, academicamente falando, esse pressuposto inicial faz todo o sentido.

Mas ainda carecemos de um arcabouço jurídico que permita a existência. Como a Vivendo enfrentou várias ameaças de fechamento, na Moara, nós tivemos alvarás de funcionamento até 2008, e, em 2009, eles nos foram negados por uma questão de alguém que queria ocupar o nosso espaço. E com isso nós tivemos que entrar na Justiça, enfim, entrar com um processo bastante longo. A gente fica se perguntando: poxa, com tanto trabalho para ser feito na esfera pedagógica e



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	17

educacional para construir uma escola, a gente tem que se defender de pessoas que querem fechar uma escola. Isso parece um contrassenso. E nós buscamos parcerias com o Governo, mas falta um arcabouço jurídico que acomode essas iniciativas, que não são governamentais, são privadas, sim, mas são associativas, são entidades sem fins lucrativos e, portanto, merecem um tratamento diferenciado para que possam continuar exercendo o seu papel e também continuem garantindo aos pais que fazem essa escolha da liberdade – que é a base da democracia – de poder escolher aquilo que é o melhor caminho para os seus filhos.

Então, estou aqui como porta-voz da escola Moara, que é uma escola que tem uma profunda simpatia, um profundo carinho pela Vivendo e Aprendendo. E certamente iremos continuar convivendo e sempre compartilhando esse nosso esforço. Então, estou aqui para fazer eco, tentar ampliar um pouquinho este chamado: não se trata apenas de uma escola que precisa dessa atenção, mas existem outras escolas que também estão pedindo aos legisladores que as considerem com carinho e que se debrucem sobre um projeto legislativo que permita o espaço que essas escolas tanto merecem. Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Esta Presidência agradece a professora Ânia pelas palavras. Neste momento, convido a ex-governadora, ex-Deputada Distrital e autora da Lei nº 3.977, de 2007, que “dispõe sobre o registro de bens culturais no patrimônio imaterial do Distrito Federal”, a companheira Arlete Sampaio.

SRA. ARLETE SAMPAIO – Boa-tarde a todos da escola Vivendo e Aprendendo, às crianças, aos pais, às mães, aos professores. Meus cumprimentos ao Deputado Paulo Tadeu, autor, junto com os demais Deputados da bancada do Partido dos Trabalhadores, do requerimento para a realização desta comissão geral; meus cumprimentos ao nosso querido amigo Jorge Abrahão, ao Rodrigo, que aqui representa a Associação Vivendo e Aprendendo, à professora Ânia, à professora Lúcia e a nossa querida Deputada Erika Kokay.

Em uma das últimas visitas que o grande urbanista Lúcio Costa fez a Brasília, ele pediu que o levassem a algum lugar onde as pessoas da cidade se encontrassem. Então, levaram Lúcio Costa ao Beirute e lá um grupo musical chamado “Invoquei o Vocal” resolveu cantar uma música para Lúcio Costa, e cantaram a “Suíte Brasília”, de Renato Vasconcelos. Lúcio Costa ficou extremamente emocionado e disse: “Esta é a cidade que eu inventei”, porque ele tinha, como humanista que era, a dimensão de que as cidades não são só os prédios, os monumentos; a cidade é a vida real que possui a partir das formações sociais. É a partir da vivência que as pessoas permitem que a cidade vá se construindo como algo vivo. Então, é muito lamentável que, às vezes, os governos não consigam recepcionar as construções sociais relevantes que a cidade realiza, que a vida da cidade realiza.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	18

Nesse sentido, eu fico extremamente feliz quando vejo que Brasília possui um conselho comunitário, prefeituras comunitárias, uma associação de professores, de pais e mestres, que constroem uma escola cujo projeto pedagógico é inovador, buscando justamente fazer uma educação transformadora, uma educação capaz de formar cidadãos e cidadãs de bem, que tenham valores estabelecidos. Então, um governo que não consegue recepcionar esse tipo de construção não está à altura da missão de construir a Capital da República, essa cidade fantástica que é a nossa Brasília.

O Cristovam esqueceu-se de dizer que, em seu governo, nós fizemos um alvará precário para o funcionamento da escola Vivendo e Aprendendo. De alguma forma, o Poder Público assumiu a responsabilidade de dizer: olha, vocês podem continuar existindo até que encontremos a fórmula jurídica necessária para que a escola seja regularizada. Infelizmente, a descontinuidade do governo impediu que isso fosse feito.

Recentemente, Rodrigo e eu estivemos com a atual vice-governadora do GDF e levamos algumas propostas para resolver essa questão da Vivendo e Aprendendo. Como disse o Paulo, eu sou autora da Lei nº 3.977, que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constitui o patrimônio artístico, cultural e histórico do Distrito Federal. A partir dessa nossa lei, já foram considerados patrimônios imateriais: o Clube do Choro, a Escola de Samba da Aruc, o Festival de Cinema de Brasília, o Boi do Seu Teodoro, o patrimônio pedagógico de Anísio Teixeira e outras construções. Infelizmente, não sei por que, o Tribunal de Justiça suspendeu liminarmente a minha lei sem ter julgado a sua inconstitucionalidade. Estamos aguardando agora o que eles vão decidir a respeito, não sei as razões que levaram o Tribunal de Justiça a tomar essa atitude.

Creio que temos que trabalhar para que a escola Vivendo e Aprendendo seja constituída como patrimônio imaterial e cultural do nosso Distrito Federal. A solução para resolver a questão da regularização fundiária passa por uma atitude simples por parte do Poder Executivo. A propriedade daquela terra é do Distrito Federal, e é possível, portanto, através de um projeto de lei, o Governo encaminhar à Câmara Legislativa a proposta de desmembramento do terreno e, a partir desse desmembramento, fazer uma concessão de direito real de uso que permita à escola prosseguir existindo, porque ela tem que ser considerada uma experiência altamente relevante para o Distrito Federal.

Por isso, nós estamos aqui hoje para falar da nossa total adesão a essa luta de todos vocês, para que nós possamos assegurar a manutenção e o reconhecimento público da escola Vivendo e Aprendendo, como uma experiência extremamente importante, de um projeto pedagógico novo, que faz com que todos os pais e as mães que tenham experiências com essa escola venham aqui — como



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	19

fez o Ministro da Cultura, como fez o nosso querido Jorge Abrahão — dar seus depoimentos sobre a importância da preservação da Vivendo e Aprendendo.

Então, contem comigo também. Da maneira como eu puder, vou ajudá-los a encontrar uma saída e a resolver rapidamente a permanência da escola Vivendo e Aprendendo.

Muito obrigada. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Obrigado, Sra. Arlete Sampaio.

Neste momento, eu tenho a honra de convidar a fazer o uso da palavra o Senhor Presidente da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, o companheiro Rodrigo Koblitz. (Palmas.)

SR. RODRIGO KOBLITZ – Boa-tarde, Exmo. Sr. Deputado, senhores Deputados, senhoras Deputadas, comunidade da Vivendo e Aprendendo, crianças apaixonadas pela Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Nós – eu tenho o direito de chamar de nós apesar de não estar lá... Em 1982, iniciou-se um processo de inconformidade com a educação brasileira, que, na época, ainda estava saindo de um processo de ditadura, de um processo impeditivo de diálogo, impeditivo de crescimento criativo. Um grupo de pais e educadores, nesse âmbito, procurou formar uma escola, um espaço em que as crianças pudessem desenvolver o seu potencial criativo, desenvolver sua capacidade de solidariedade, de discussão.

Eu tenho um trecho, falado à época, em que foi escrito o seguinte por essas pessoas: “Basicamente, estamos tentando realizar um trabalho que dê às crianças a oportunidade de se tornarem indivíduos originais, capazes de explorar criativamente as alternativas oferecidas pela realidade na solução de problemas e na transformação dessa mesma realidade”.

Então, há 28 anos, sete crianças começaram em uma turma na Vivendo e Aprendendo. Acabei de ter a informação de que sete anos depois, em 1989, já havia oitenta, noventa crianças. Hoje nós temos 126 crianças, em média, às vezes mais, às vezes menos, trabalhando com essa mesma motivação, com a motivação de tentar transformar aquele ambiente em um ambiente que as crianças possam usar, desde cedo, para se desenvolverem como seres humanos, sem serem afogadas no seu espírito livre, sem serem afogadas no seu espírito criativo.

Entretanto, no dia 21 de junho, nós recebemos um auto de interdição do GDF, o que nos deixou bastante preocupados e nos fez rever a nossa posição de ilegalidade ali dentro, a nossa posição de permanência ali dentro. Fizemos os procedimentos burocráticos. Conseguimos a antecipação de tutela, o que significa



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	20

que, enquanto nós não terminarmos o nosso processo de licenciamento, nós permaneceremos ali naquele local. Fomos atrás do processo de licenciamento e temos, hoje, a licença prévia aprovada.

Entretanto, isso esbarra ainda nesse problema que estamos discutindo aqui, que é o uso do terreno. Por isso estamos aqui com os Deputados, com os senhores, tentando fazer, encaminhar algo, tentando pensar em alguma solução para isso. Esse auto de interdição deu um clique em nós renovamos o espírito — eu acredito — desses fundadores. Eu não os conheço, mas acho que fizeram algo muito profundo, muito revolucionário – podemos dizer assim – ao criar um novo ambiente escolar. Hoje, acho que estamos envolvidos por esse mesmo espírito. O nosso trabalho associativo renova ainda essa possibilidade de articulação, de conversa entre pessoas, que hoje – diferentemente, talvez, de anos passados neste País – estão pensando, estão querendo assumir a responsabilidade da educação de seus filhos, estão querendo assumir a responsabilidade da organização social, do seu mundo. Isso, é claro, dentro dos parâmetros colocados pela lei e indo muito mais a fundo do que é colocado.

Fazendo também uso das palavras que foram ditas aqui, no último relatório da ONU sobre educação, que acabou de sair em 10 de agosto, são colocados alguns pontos como importantes em uma educação, e o principal deles é a presença da família. Eu vou ler dois trechos aqui do relatório da ONU que saiu dia 10 de agosto sobre educação. Isso eu já falei, não é?

“A presença da família na vida escolar dos filhos influencia no valor que eles dão para os estudos e faz com que educação das crianças se estenda também à formação do seu caráter e os ajudem a tornarem-se esses bons cidadãos. Os pais não podem deixar a responsabilidade pela educação dos filhos sobre escolas e o governo. É preciso incentivar a construção de espaços que permitam mais convivência entre os alunos. O espaço físico tem a ver com esses encontros”.

Então, diante disso, eu acredito que seja um sonho para qualquer sociedade que existam comunidades, que existam grupos de pais capazes e com disposição de assumir a responsabilidade disso. E a Vivendo é isso. É uma gestão democrática, como falou a Ânia, da Moara. Nós também somos uma associação em que a gente perde – perde, não –, a gente se constrói e passa muito tempo nessa construção coletiva, porque não é fácil construir. A crítica é um pouco mais facilitadora, mas a construção é complicada. A construção merece um esforço e, com isso, muitas vezes, não descobrimos que tínhamos um potencial que não sabíamos. E aprendemos a ceder, a negociar, a buscar objetivos mais amplos. Eu acho que isso fortalece a todos que estão nesse processo.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	21

Lá a gente tem conselhos pedagógicos para fazer esse acompanhamento. Existe também um conselho de pais e educadores, que serve para demitir e contratar os próprios educadores. E nós não temos dono. A única responsabilidade que nós temos é com nós mesmos. Aquela pessoa que toma uma decisão vai ter contato com o coletivo e, em algum momento, vai explicar as suas atitudes, vai pensar sobre as suas atitudes nesse coletivo.

Esse modelo político de organização a princípio poderia ser frágil. Eu imagino que quem o consolidou, quem começou a construir a Vivendo possa ter pensado nisso. Porém, surpreendentemente ou não, estamos há 28 anos nos consolidando, nos fortalecendo. E eu acho que estarmos aqui na Câmara Legislativa traduz isso, traduz a importância que essa vivência política tem para os pais e traduz a expectativa e a realidade que a gente percebe e quer passar para as nossas crianças. Então, mesmo depois de 28 anos, ainda estamos aqui firmes e fortes, e querendo ainda mais consolidar, de uma vez por todas, essa associação.

A educação é um processo fundamental na construção da nossa cidadania. E o Brasil – o DF principalmente – conseguiu hoje, de certa forma, alcançar um dos paradigmas que tínhamos: o acesso à escola. A nossa taxa de escola pública com acesso às crianças já está quase em 100%. Entretanto, já há outro paradigma, que é o de como educar, que não é novo, já é antigo. As mesmas pessoas que lutaram pelo acesso à educação – como Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Paulo Freire – também pensaram muito sobre o como educar. E sobre esse como educar eu acho que nós ainda, apesar de já haver excelentes teóricos e práticos nesse sentido, precisamos aprender mais sobre isso. Analfabetismo funcional, evasão escolar, entre outras, são questões que nos mostram que precisamos aprender ainda como ensinar.

Entre outras instituições, há uma em que vale a pena olhar com carinho esse como educar: a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Lá o nosso objetivo não é apenas colocar matérias para as crianças, porque aprender a escrever, multiplicar, dividir, somar, isso é fácil. Não é esse o problema. O problema, a principal questão é conseguir formar indivíduos responsáveis, solidários, autônomos, que possam ser instrumentalizados para seguir na busca de seu conhecimento. Conhecimento é algo que cada indivíduo vai procurar. Cada indivíduo tem o seu caminho. O que a gente precisa é garantir que esse indivíduo, quando vá nessa busca, que é uma busca solitária muitas vezes, que vá nesse caminho. Mas que ele tenha instrumento para isso, que ele tenha essas características: responsabilidade, que ele tenha solidariedade para os que vivem com ele, e para que ele tenha autonomia para poder perseguir esse objetivo.

Então, com essa grande tarefa que nos é dada, e que nós vamos aprendendo no decorrer do processo de ser Vivendo, é que estamos aqui querendo



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	22

garantir esse espaço para a associação, porque essa associação não tem dono. Estou lá durante algum tempo, Cleiton está lá durante algum tempo. Tantos pais aqui já estiveram lá durante algum tempo – como foi falado, e passam, mas fica para outros pais que vão entendendo a ideia, outros educadores. E tem que fazer mais filhos. Chega uma hora em que nessa parte não dá para continuar *ad eternum*.

Não tem dono, mas ela é de um grupo, ela é das crianças. Ela é das crianças de ontem, que hoje estão aí – como o Diogo, já com barba na cara –, é das crianças de hoje, e é das crianças de amanhã. E é para isso que a gente quer construir essa Vivendo e Aprendendo lá, e querendo, também, transformar ela. Essa ideia de associativismo, essa ideia de fazer uma educação participativa, em que a criança seja dona do seu processo de construção, o patrimônio material do Distrito Federal.

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Muito obrigado, Rodrigo Koblitz.

Agora, passaremos à apresentação de um vídeo. Em seguida, a Deputada Erika Kokay e eu faremos uso da palavra. Por fim, fechará a nossa Comissão Geral, Diogo – aluno da escola.

Crianças, por favor, venham assistir ao filme. Vai passar um filme muito legal aqui, agora, produzido especialmente para esta Comissão Geral.

Se elas quiserem assistir, terão direito; se elas não quiserem, também, né...

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Como bem disse a Deputada Erika Kokay, é muito lindo.

Concedo a palavra à Deputada Erika Kokay.

DEPUTADA ERIKA KOKAY (PT. Sem revisão da oradora.) – Eu queria desejar uma boa tarde para cada um e cada uma de vocês e saudar os que compõem a Mesa.

Esta Casa está se sentindo revigorada e pulsante no dia de hoje, quando nós estamos recebemos os professores, educadores, pais e nossos meninos e meninas aqui nesta Casa. Que bem que faz termos a Vivendo e Aprendendo aqui dentro da Câmara Legislativa. Quisera eu que estivéssemos sempre com a Vivendo e Aprendendo e toda sua pedagogia, pedagogia da vida, aqui nesta Câmara Legislativa todos os dias. A cidade agradecerá muito, porque a cidade agradece muito a existência da Vivendo e Aprendendo.

Eu tive a oportunidade de conhecer de perto e de aprender com a Vivendo e Aprendendo, porque meus meninos estudaram lá, meus dois meninos. Um dos meus meninos estudou na Vivendo e Aprendendo no ano de 1985. Como já foi dito aqui, ela marca, ela marca e vai deixando uma construção, porque lá você abre um espaço



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	23

para que as pessoas sejam pessoas e para que as crianças sejam consideradas sujeitos, sujeitos de direito. Nós vimos aqui a importância de se dizer “eu não quero, eu não gosto” e também a importância de se delinear do que se gosta, seres querentes. Ser humano, ao meu ver, é ser faltante, porque só se sente pleno quando se sente pertencente a algo além deles mesmos. E é ser querente, porque nós temos querença, temos desejos. Por isso, somos danados para sonhar. Quando abrimos os espaços para o querer, para a querença, para o desejo, estamos delimitando os espaços de construção humana.

A Vivendo e Aprendendo conta com um processo de aprendizagem muito parecido com o que foi falado por Anísio Teixeira. Ele dizia que nós temos várias inteligências. Nós temos a inteligência corporal, nós temos a inteligência afetiva, nós temos a inteligência cognitiva. Ser humano é danado para ter uma série de inteligências. E a sociedade é danada para anular e invisibilizar grande parte das nossas inteligências, grande parte das nossas querenças. Diz um grande pedagogo italiano que as crianças têm a curiosidade e a potencialidade dos *Da Vinci* da vida, e vamos tirando isso, a sociedade vai tirando, vai tirando, vai tirando, vai tirando e vai construindo muitos aparelhos ideológicos do Estado, como a escola, um aparelho tão fundamental para reprodução de uma ideologia de anulação da condição humana.

A escola, com esta pedagogia da palmatória, metaforicamente falando e, às vezes, até quase que literalmente falando, tem contrapontos nesta cidade: a Vivendo e Aprendendo e a Moara, onde nós fazemos um processo de construção entre os pais e entre os educadores. Em verdade, viramos todos educadores, inclusive nossos meninos. Somos todos educadores e todos compartilhamos nossas dores e nossos amores, nossas dores e nossas delícias. Nós compartilhamos. Lembro que, na Vivendo e Aprendendo, havia o contra-horário, o contraturno, quando os meninos iam para as casas uns dos outros. Na minha casa, chegamos a ter sete meninos, oito meninos. E os pais discutiam. Nós discutíamos as nossas angústias, as nossas incertezas e também as nossas certezas. Nós, portanto, estávamos também nos educando nessa função tão humana que é a função da paternagem e da maternagem. É tão humana porque sentimos a dor e a alegria dos nossos meninos, às vezes, mais do que eles mesmos e também pensamos não só no aqui agora, pensamos no depois, pensamos no que ainda nem existe. A maternagem e a paternagem desenvolvem isso.

A Vivendo é um espaço de maternagem e de paternagem. Há doze, quinze meninos em cada sala de aula, com dois educadores, para que nenhum menino seja encarado como alguém vazio. Os meninos têm perfis, têm sentimentos. Os meninos estão inteiros, porque, na escola, menino está inteiro, está com seus medos, com suas certezas, com seus sentimentos, e a relação não é só conteudista, é relação de vida, é pele com pele. Eu fico pensando, todas as vezes, como é que a escola anula



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	24

isso. A escola, em geral, vai anulando isso, vai anulando, anulando, anulando, e, de repente, o menino está vazio, está esvaziado ou está cheio de sentimentos, percepções e atitudes que não são síntese das suas próprias experiências. Fico pensando, às vezes, como é que se pode permitir que uma criança fique cinco horas e meia, às vezes, sentada em uma cadeira apenas olhando. E se diz que isso é aprendizado. Para quê? Em função de quê? Na Vivendo, menino mexe. E a Vivendo anda. É besteira dizer que ela fica só onde ela está. Ela anda, é escola que anda. A escola que anda, falada e cantada por Rubem Alves é a Vivendo e Aprendendo. Menino mexe, menino sobe em cima de árvore, menino diz “não”, menino diz “sim”, menino se relaciona, menino se descobre. E é por isso que ela tem de ser considerada patrimônio imaterial desta cidade.

Nós estamos aqui a fim de buscar os caminhos para isso. Com tudo isso que é construído naquele chão, como é possível não haver um chão para a Vivendo? Como é possível não haver um espaço onde ela possa viver sem sobressaltos e onde nós continuemos vivendo e aprendendo, nessa trajetória mágica da existência humana, que, tantas vezes, é negada em tantos espaços institucionais? Por isso, achamos que, nesta Casa, nós temos que buscar uma concessão de uso para que possamos continuar com essa experiência. Nós não vamos perder essa experiência. Nós não vamos perder a possibilidade de viver, aprender e fazer essa mistura gostosa e saudável de pais, educadores e meninos, na qual podemos discutir o menino com o menino e não tirar a fala dele. A sociedade acaba com os espaços de fala. As pessoas não têm espaços de fala nesta cidade, não têm espaços para que sejam escutadas, para que possam formular, para que possam ser sujeitos. Esta cidade sofreu tanto com o assujeitamento, sofreu muito com governos que tiravam do ser humano a condição humana de ser sujeito da sua própria vida, subalternizavam, anulavam e transformavam seres humanos em máquinas de repetir comportamentos, de engolir desejos e de transformar desejos do outro em seu próprio desejo. Com tudo isso que estamos vivendo hoje, é preciso viver e aprender. Portanto, é preciso assegurar a concessão de uso. Entretanto, creio que deveríamos ter mais do que isso, ter mais sedimentada a possibilidade de capacitação a partir da Vivendo e Aprendendo. Queremos, em verdade, a manutenção da Vivendo e Aprendendo. Acho que deveríamos ir ao Governador do Distrito Federal para que pudéssemos obter a concessão de uso para a Vivendo, mostrando a S.Exa. a importância dessa experiência pedagógica que sai dos próprios muros da escola, que não tem muros, e, a partir daí, dialoga com a própria sociedade. Contudo, seria importante que a Vivendo estivesse dentro das nossas escolas, para que pudéssemos ter outro tipo de diálogo e para que os nossos meninos pudessem ter espaço de voz, espaço para dizer “não”, espaço para dizer o que querem, espaço de querença, espaço de construção de direitos e de desejos, espaço para ser um ser humano.



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	25

Por fim, eu queria dizer que essa concessão de uso e a capacitação a partir da pedagogia implementada na Vivendo e Aprendendo têm que ser um compromisso e são um compromisso nosso, dos que estão aqui, que precisamos colocar em movimento para que a criança seja sujeito, para vencer a visão adultocêntrica de que criança é “coisificada” e é objeto do desejo, às vezes do sonho, às vezes do preenchimento do fantasma dos seus próprios pais, e para que possamos continuar essa experiência da lenda da borboleta azul, como dizia o Cristovam, mas essa experiência de sermos pais, de sermos mestres, de sermos criança que a Vivendo e Aprendendo nos possibilita. Portanto, vamos buscar a concessão de uso e o desenvolvimento dessa pedagogia, porque, com certeza, o pulso ainda pulsa. (Palmas.)

(Intervenções fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Agradecemos as palavras da companheira Deputada Erika Kokay.

Faço aqui uma referência aos comunicados que recebemos, justificando suas ausências: do Reitor da Universidade de Brasília, o Sr. José Geraldo de Souza Júnior; também do Secretário de Cultura, Sr. Silvestre Gorgulho; bem como da Dra. Martita Icó. Ao final desta Comissão Geral, todos receberão a sistematização do que aqui está sendo construído e avaliado.

Neste momento, convido a fazer uso da palavra o ex-aluno da Vivendo e Aprendendo e estudante de História da Universidade de Brasília, Diogo de Lima Saraiva.

SR. DIOGO DE LIMA SARAIVA – Boa-tarde a todos.

Primeiramente, quero falar que, quando olho para toda essa gente, alunos, pais, professores do futuro e do passado, o que vejo é a minha família, porque a Vivendo não é só uma escola, a Vivendo é uma comunidade, uma família. A Vivendo é uma escola onde podemos não chamar o professor de “tio”, mas nas outras escolas ele não é nosso tio de verdade. Na Vivendo eles são nossos tios, irmãos, pais...

Bem, para começar do princípio, quero aqui falar da experiência educacional de maior importância que tive na minha vida. De fato, de vez em quando eu hesito em usar a palavra “educação” para a Vivendo, mas não porque a Vivendo não atinge o padrão da educação como um todo. Exatamente pelo contrário. Quando vemos a educação por aí, seja o nível que for, nunca ninguém chegou perto ao nível de excelência em educação que eu tive na Vivendo e Aprendendo. Até por isso eu prefiro usar os verbos viver e aprender. O nome é absolutamente perfeito, porque lá o que fazemos é aprender a viver e vivemos aprendendo; não ficamos sentados



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	26

estudando para passarmos em provas. Nós vivemos para saber viver, é a única forma de aprender. Não assistimos a vídeos educacionais feitos fora nem lemos livros escritos por alguém que nunca vimos antes, que acham que sabem tudo o que precisamos aprender; não temos um currículo feito por pessoas que nem sabem nossos nomes. Na Vivendo e Aprendendo as aulas são feitas de forma completamente diferente. Não são aulas, é a vivência. Lá temos uma experiência educacional voltada para o aluno, o que acontece com os alunos.

Lembro-me muito bem de quando estávamos no Jardim 3 ou no Pré — acho que o Ciclo 4 e 5 de hoje. Éramos muito apegados a uma gatinha preta que morava ali do lado. Ela infelizmente morreu e nós ficamos desolados, não sabíamos o que fazer. E com os professores, durante um ano todo, obviamente em meio a uma infinidade de outras atividades, aprendemos a forma com que as pessoas, nos lugares mais variados e das origens mais distintas, lidavam com essa questão da vida e da morte, o que acontece depois da morte, qualquer coisa assim, sem nenhum tipo de imposição doutrinária ou qualquer coisa do tipo, só para a gente saber aprender e saber ir atrás. Eu chegava lá com o livro de mitologia egípcia e falava sobre o que os egípcios pensavam sobre isso, e nós, os alunos e os professores, ficávamos conversando sobre isso. Citando a Lúcia que ficou falando sobre a Grécia antiga, fez várias citações, eu vou falar que a Vivendo e Aprendendo é uma comunidade porque ela é como aquilo que Pitágoras criou quando quis fazer algo diferente, fazer uma educação para vida das pessoas, para que as pessoas fossem cidadãos, conseguissem agir da forma correta, ser solidárias umas com as outras, entender o que os outros estão falando, saber que existem diferenças e que a gente tem que viver com isso. A diferença é que na comunidade pitagórica você tinha que passar quatro anos só escutando e na Vivendo, muito pelo contrário, a gente escuta, fala, brinca, corre, pinta, sobe em árvore, planta árvore. Nós temos várias árvores lá que a minha turma — que está aqui representada por mim, pelo Diego e pela Fernanda que vieram, pelo Bruno e pelo Leo que acabaram de nos ligar para dar apoio — plantou. Hoje a gente vai lá e sente que aquele espaço ainda é nosso e é talvez o principal elemento que formou nossas vidas porque vivemos com essas mesmas pessoas, não só as pessoas da minha turma com quem eu tenho convivência constante até hoje — eu vejo boa parte deles todas as semanas ou todos os dias — mas também tantas outras pessoas que foram alunas da Vivendo ou pais de alunos da Vivendo, como a Carmem, que pediu para mandar um beijo, como a família Acioli, como todas as famílias que estão ali juntas e as pessoas que nem eu conhecia. Eu sei que eles são meus irmãos, meus parentes, porque a gente participou de algo que irá nos unir para sempre.

Sem mais delongas, a minha mensagem principal era essa. Eu gostaria apenas de agradecer a oportunidade de estar aqui defendendo a Vivendo porque isso é algo que eu faria sem a menor hesitação em qualquer momento da minha vida



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	27

porque a importância desse espaço para mim... Se não fosse pela Vivendo, a educação que eu tive, inclusive na universidade, não valeria metade do que hoje ela vale para mim porque eu aprendi a aprender, aprendi a ir atrás do que eu queria, aprendi a me relacionar, fiz amizades, aprendi a amar o mundo e a vida de uma forma que eu não sei se eu teria aprendido em outro tipo de espaço. Então, é só isto: eu gostaria de agradecer.

Boa-tarde a todo mundo. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADO PAULO TADEU) – Obrigado, Diogo.

Eu quero falar tanto para a Dra. Lúcia quanto para a Ânia, para a Arlete Sampaio aqui presente, para a Erika, para o Rodrigo, para o Jorge e para o Diogo, que acaba de falar, que eu particularmente entendo que a nossa Comissão Geral cumpre com um papel importante no sentido de fortalecer essa luta que hoje é travada por pais, ex-alunos, alunos, professores e pela sociedade. Por aqui passaram o nosso Ministro da Cultura e o nosso Senador Cristovam Buarque.

A cada dia a luta em defesa desse projeto, dessa história, se fortalece dentro das nossas consciências enquanto representantes da população e o que nos espanta é o fato de que o Poder Executivo, quando tem outros tipos de interesse, consegue articular uma série de facilidades para aplicar a legislação em vigor, favorecendo uma série de entidades, muitas vezes até questionáveis do ponto de vista do seu papel na sociedade. Quando o Diogo faz todo esse relato, que é um relato vivo da construção real de um ser pensante, de um ser crítico, e uma avaliação positiva do projeto pedagógico e da vanguarda que representa hoje essa importante instituição da nossa cidade, faz-nos crer que para alguns, Arlete, as coisas acontecem com mais facilidade; para outros, sempre com dificuldade muito maior.

Eu e a companheira Deputada Erika Kokay sabemos o quanto se discutiu nesta Casa, através de projetos de autoria do Poder Executivo, o chamado Pró-DF, programa em que terrenos públicos e áreas públicas foram doados a muitos e muitos empresários, inclusive empresários que, em alguns casos, tiveram que pagar à margem do processo legal para terem acesso a um determinado espaço que abrigasse seus negócios. Em outros momentos, Sr. Rodrigo, acompanhamos o Governo do Distrito Federal fazer a chamada concessão de direito real de uso para outras finalidades e outras instituições.

O que se pede aqui não é nada à margem da lei, não é nada fora daquilo que já se faz nesta cidade com outros setores, e temos várias experiências. Posso citar como exemplo o Autódromo de Brasília, cuja concessão foi feita há muitos anos, inclusive em nosso governo, a Arlete sabe disso, para o ex-piloto de Fórmula 1 Nelson Piquet. Hoje há muitos questionamentos no tocante ao próprio objeto, porque ele não cumpre aquilo que foi acordado. Nós poderíamos citar aquela área,



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	28

companheira Deputada Erika Kokay, ao lado do antigo prédio da Câmara Legislativa onde foram instalados dois grandes hipermercados – o Extra e o Carrefour. São todas áreas públicas que o Governo, de uma maneira ou de outra, passou para a iniciativa privada.

Por intermédio de uma ação da nossa bancada, a Luisinha e a Débora já estiveram com a Vice-Governadora. Já relatamos aqui, e poderíamos ficar o dia todo relatando, se quiséssemos, uma série de outros exemplos que foram aplicados em nossa cidade e que garantiram a tranquilidade que hoje alunos, pais, professores, alunos e a sociedade clamam ao Poder Executivo.

Portanto, eu quero, mais uma vez, dizer que pretendemos fazer uma sistematização desta comissão geral, viu, companheira Arlete? Eu quero aqui testemunhar que a companheira Arlete Sampaio, com a diretoria, com os professores e os com os pais, foi, sem sombra de dúvida, uma das grandes responsáveis pela organização desta Comissão Geral.

Então, o que podemos encaminhar a partir desta comissão geral? Podemos construir um relatório sistematizado de todo o debate aqui realizado e de outros documentos referentes à luta em defesa da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo que esta Casa já possui e procurar, com o Poder Executivo do Distrito Federal, uma solução rápida para a concessão de direito real de uso do terreno que hoje os senhores ocupam.

É claro que Brasília, neste momento, vive uma expectativa muito grande, pois daqui a 30 dias estaremos todos indo às urnas nesta cidade para escolher um novo Governo. Eu espero muito que o novo Governo possa efetivamente garantir, de uma maneira ou de outra, a resolução definitiva desse problema. Esperamos que essa resolução, como eu já disse, seja a concessão de direito de real de uso. E o que me chama a atenção, Arlete, é que essa experiência, avaliada de maneira positiva do ponto de vista do seu projeto pedagógico, deveria estar sendo expandida para outras cidades. O que deve ser feito pelo Poder Executivo local é expandir essa experiência, não tentar sufocar a experiência vitoriosa aqui já relatada por diversos pais, pelos próprios professores e diretores, pelos próprios alunos.

Portanto, eu espero que o próximo governo aproveite esta experiência, quebre o modelo pedagógico existente em nossa cidade, que, construído nos últimos 20 ou 30 anos, gerou e continua gerando uma das maiores crises da educação pública da nossa cidade. A educação pública do Distrito Federal está em uma crise sem precedentes devido ao modelo pedagógico, devido à falta de investimento, devido inclusive ao calote que se dá na educação todos os anos. É preciso pegar o modelo aplicado por vocês e procurar transformá-lo em um modelo para todas as



Data			Horário Início	Sessão/Reunião	Página
31	08	2010	15h35min	71ª SESSÃO ORDINÁRIA, TRANSFORMADA EM COMISSÃO GERAL	29

demais cidades do Distrito Federal. É isso que a gente espera que aconteça. Eu espero que o atraso não volte a governar esta cidade.

Portanto, quero finalizar a nossa comissão geral com os seguintes encaminhamentos: construiremos um relatório, que será encaminhado ao Ministério Público, ao Governador do Distrito Federal, à Vice Governadora, às demais autoridades do Distrito Federal, Deputada Erika Kokay, e também ao Poder Executivo Federal e ao Judiciário. Depois, vamos construir uma agenda com o próprio Governador do Distrito Federal, com o secretário de Educação - e a Deputada Erika Kokay está aqui reforçando -, para que a gente possa dar mais um passo na construção definitiva dessa solução.

Então, a todos e a todas, fica aqui o meu agradecimento. Foi um debate objetivo, mas profundo. Eu espero, realmente, que o Poder Executivo do Distrito Federal encare essa questão como uma questão estratégica para o nosso desenvolvimento e como exemplo da educação que deve ser seguida pelas demais escolas do Distrito Federal.

Meu muito obrigado a todos e a todas.

Nada mais havendo a tratar, está encerrada a presente comissão geral.

(Levanta-se a comissão geral às 17h26min.)

Este texto não substitui o publicado no Diário da Câmara Legislativa nº 167-Suplemento, de 14/9/2010.